

PUNHAL

Peça de HENRIQUE AMARAL

Recife, 08 de junho de 1984

PERSONAGENS:

Aurélio
Rogério
Zélia
Seu Dito

Uma cadeira de balanço num quarto escuro. Nenhum outro elemento cenográfico, nenhum outro adereço. Sentado na cadeira está Aurélio, com os olhos fixos no chão, as pernas dobradas sobre o assento, os braços estirados ao longo dos braços da cadeira. Antes da luz, vermelha, acender sobre ele, explode, na sonoplastia, "*Norwegian Wood*". Quando a música chega ao final, a luz acende. Após cinco ou dez segundos, entra em cena. Rogério, o amigo. Observa Aurélio, que continua com os olhos presos ao piso. Rogério lhe dá as costas, ficando de frente para a platéia, a poucos metros de Aurélio.

AURÉLIO - Existem algumas lagartas menores que as tradicionais. Elas espiram um líquido verde sobre nosso corpo que, ao invés de doer nos braços ou nas pernas, provoca uma doença de curta, mas lenta, duração no nosso cérebro. São lagartas que surgem sem que as percebamos. Espontaneamente. Como os sonhos. Mas elas são verdadeiras. Impunes. Asquerosas. Após derramarem sobre nós o seu vômito, ficam robustas. Alimentam-se enfraquecendo o nosso cérebro. O seu líquido, verde, torna-se bege, depois da metade de um dia, quando toma a forma de um botão de camisa, um botão fechado. Ao centro, um bege mais claro. É o botão. Ao redor, a casinha do botão é escura. Lembra o ouro esmaecido pelo tempo. Escuro. Sujo. Lembra um pouco também... as massas cinzentas dos nossos cérebros. Escuros. E essas lagartas, elas provocam um medo, um sutil medo na gente, a nossa cabeça. Procuramos esquece-las depois de uma boa noite de sono. Mas, no final da tarde do dia seguinte, eles voltam a rondar os nossos pensamentos. Como mancha suja na cabeça. E tentamos soprá-la, pra ver se conseguimos faze-la fugir. Inútil. Ela não sabe do sopro, ela não sabe do vento. E imaginamos que, após tomarmos banho, cantando sem graça no chuveiro, elas escorreguem e caíam. Mas elas não estão em nosso corpo. E não podemos usar desodorante ou sabonete rosa na massa cinzenta. Não limpam.

Rogério volta-se para ele e diz, com ternura:

ROGÉRIO – Posso compreender tua incapacidade de permanecer estável e bem. Posso entender teu comportamento como a extrema valorização da tua sensibilidade. Só não posso aceitar que pereças em vida. É uma falha, Aurélio. Uma falha com você. Seria mais feliz de outra maneira.

Aurélio permanece com os olhos fixos no chão. Fala sem nenhum alarme, como se nada tivesse sido dito.

AURÉLIO – Às vezes, subo as pernas das minhas calças e observo a minha perna. A batata está concentrada na parte superior e posterior. É mais robusta que a outra metade da perna e por ser mais robusta, parece que tem menos pelos. E tem. Pois a sua área é maior. Os pelos estão mais bem distribuídos. Vejo melhor as veias, quase azuis, quase

verdes. Mas, podem me comer a carne da perna. Podem lambe-me os ossos. Eu gosto. Eu quero. Faça-me isso, Rogério.

ROGÉRIO (falsamente alarmado) - Tá de porre? Bebeu? Eu, hein? Você fala sem lógica, cai em devaneios por causa de lagartas e da sua perna. O que tudo isso tem a ver contigo? É bonito? É a beleza?

AURÉLIO (Imutável) - Uma vez, quis cortar com um barbeador, os pelos do meu nariz. Mas rasguei a carne, a pele sensível do nariz. E sangrou, um sangue vermelho escuro, que estancou em poucos segundos. Antes, porém, o sangue escorreu à minha boca, bonito, gostoso. O meu sangue na minha língua criou o sabor da delícia. Você não sabe o que é a delícia, diziam a mim. Mas a lâmina me fez conhece-la. Você conhece a delícia, Rogério? Você já brincou com um punhal, amigo? Sabendo que poderia vir a morrer? Uma vez, me lembro como se fosse hoje, eu caminhava por uma estrada, assim como quem simplesmente caminha, sabe como é? Deparo-me com cercas, com carvalhos, com mangueiras frondosas, gordas, polpudas, completas. E pouco me importa a natureza. Persigo uma cena, a emoção, a fábula de um instante de magia perambulando sem ditadores. E de repente encontro uma velha, quase caindo aos pedaços. Horrenda. Mas com um imã tão forte, uma luz tão intensa que sugou com seu silêncio todas as minhas energias. E tornou-se jovem, radiante, bela, indescritivelmente bela. E eu me tornei feio, monstruoso, um estúpido. E daí? Consegui o que queria. Torná-la bela, poder vê-la bela, da mesma maneira que a vi horrenda. E ela, bela, eu, feio, brincamos de nos apunhalar. Ela usava um punhal, um punhal possante, moderno, eu, uma simples faca de cozinha. Não pude vence-la. Sua beleza era tanta que quando o punhal cravou-se em mim, vi flores, e ela desaparecia cantando. Como poderia acabar comigo, eu que lhe devolvi a beleza?! Quando ela me cravou aquele punhal, eu também voltei à minha juventude, Rogério. Você me entende?

ROGÉRIO – Não, Aurélio. Não posso me imaginar em teu lugar. Eu me sentiria tão tolo. Acho que vou embora.

Faz menção de sair. Aurélio, enfim, tira os olhos do chão e o encara.

AURÉLIO – Não há nada que eu tema mais que as punhaladas nas minhas costas. Vá, Rogério. Sempre. Vá. (Rogério sai. Aurélio levanta-se e recita, sarcástico, a letra de “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso) Brasil, meu Brasil brasileiro / meu mulato inzoneiro / vou cantar-te nos meus versos / Ô Brasil, samba que dá / Bamboleio que faz gingar / o Brasil do meu amor / Terra do Nosso Senhor / Brasil, pra mim / Abre a cortina do passado / Tira a mãe preta do cerrado / Bota o rei congo no congelado / Deixa cantar de novo o trovador / A merencória luz da lua / Toda a canção do meu amor / Quero ver essa dona caminhando / Pelos salões arrastando / O seu vestido rendado / Brasil, terra boa e gostosa / da morena sestrota / de olhar indiscreto / O Brasil, samba que dá / Ô, esse coqueiro que dá coco / Onde eu amarro a minha rede / nas noites claras de luar / ar, ouve essas fontes murmurantes / Aonde eu mato a minha sede / e onde a lua vem brincar / ah, esse Brasil lindo e trigueiro / terra de samba e pandeiro / Brasil, pra mim, pra mim... (Após a letra da canção, ele grita) Enquanto não tirarem a mãe preta do serrado, não há país que se respeite!

Sai. Na sonoplastia, explode “Meu Doce Amor” (Marina e Duda Machado), com Gal Costa. Entram em cena, Rogério e Zélia. A iluminação, clara, toma todo o palco.

ROGÉRIO (O braço na cintura de Zélia) – É um ato de amor, Zélia. Aurélio não vive já há algum tempo e o câncer já lhe toma as idéias.

ZÉLIA – De qualquer maneira, o meu comportamento será racional. Não vou ficar criando histórias para atormentá-lo ainda mais, acho que se é fim, é fim, fim de papo, adeus, neguinho. Gostei muito de você, mas saco de pancadas, isso não, Rogério. Esteja ou não morrendo.

ROGÉRIO – É apenas uma encenação, Zélia. A encenação de um sonho, um sonho que o acompanha há mais de um ano.

ZÉLIA – Eu vou ser aquela velha desse sonho estúpido?

ROGÉRIO – Vai.

ZÉLIA – E se eu não quiser?

ROGÉRIO – Vai pra cadeira.

ZÉLIA (Irônica) – Gosto de você, Rogério. O seu estilo. Você tem classe. Imaginar toda uma encenação, porque seu querido amiguinho está com os dias contados. É comovente.

ROGÉRIO – Não me interessa a sua opinião.

ZÉLIA – Estive observando Seu Dito. É um velho forte. Saudável. Um homem, se me entende, Rogério.

ROGÉRIO – Deixe o velho em paz, Zélia! Já basta o que você arrancou de Aurélio.

ZÉLIA – Eu? Qual é, meu nego?! Ele gostou de mim, apenas isso. Acho que fui sua única mulher em toda a vida. Não me importa o que você pensa, Rogério. Acho até que nisso estamos empatados.

ROGÉRIO – Você sabe tudo de cor? Sua roupa, o caminho que deve percorrer, os apetrechos?

ZÉLIA – Sim, senhor diretor, eu já sei de tudo. Tenho comigo todos os detalhes.

ROGÉRIO – Sabe quando deve entrar?

ZÉLIA – Após o papo dele com o pai. Não é isso?

ROGÉRIO – Sabe o que o Seu Dito dirá ao filho?

ZÉLIA – Sei quase de cor, Rogério.

ROGÉRIO – Então, vá para a sala.

ZÉLIA – Um minuto, apenas um minuto, Rogério. Quero ficar sozinha por um minuto.

ROGÉRIO – Aqui?

ZÉLIA – Por favor, é a única coisa que lhe peço.

ROGÉRIO – Não se demore, estou lhe esperando na porta.

Zélia não responde. Rogério sai. Zélia caminha ao redor da cadeira de balanço vazia. Senta-se ao pé da cadeira e fala, como se conversasse com Aurélio.

ZÉLIA – Será que você não percebe o que eles querem fazer com você? Eles querem acabar com você. Será que você quer morrer assim, Aurélio? Num meio de mentiras, de hipocrisias, de falta de respeito? Você vai deixar eles decidirem por você? Não, Aurélio, eu não gosto de você. Infelizmente. Não vou ser eu a tirá-lo dessa emboscada. Ao contrário, vou fazê-lo me odiar. Por mim. É apenas mais um crime para mim. Sabe como é? Alguma coisa dentro da minha rotina. Eu cuido de mim. É simples. Não vou ser presa por sua causa. Ou por minha causa. Se eu me cuido, porque você deixa de enxergar? É tão difícil pra você perceber tudo? Ou você já percebeu e finge que não

entende? Por quê? Para ir até o minuto final? Pra morrer como eles querem que você morra? Você não vai mais me ver, Aurélio. Eu, agora, sou um deles. (Levanta-se. Dá as costas para a cadeira. Volta-se) Não existe aveia, nem paixões, nas celas escuras dos presídios. Os corações são de aço e as consciências já estão todas putrefatas. Não me peça para escolher. Não tenho escolha.

Sai a passos lentos. Um pequeno *black-out*. Aurélio retorna à cadeira de balanço. A luz, novamente vermelha, incide sobre ele, que está sentado na mesma posição inicial e encarando a platéia.

AURÉLIO (Grita) – Entre, papai! Sei que está aí fora. Porque não visita os mortos?

O pai entra, a cara carrancuda, os ombros tensos, a voz embargada, num todo pesado.

DITO – Sim, meu filho, já não posso sozinho com as tuas artimanhas. Simplesmente definho, envelheço, enfraqueço.

AURÉLIO (Com planejado carinho) – Papai, será que estás me pedindo a mão para apoiar-te? Como não? Serei feito de chumbo? Mesmo se o fosse, não o desprezaria. Afinal, quantas noites você ainda terá que passar em branco, para que eu consiga, enfim, dormir em paz? Porque nunca pudemos nos fazer bem? Sabe o que você me parece, pai? Alguém que me odeia muito. Esqueceu-se de me amar, apesar de já ter se acostumado a mim. Com todo o ódio que me tem, acho que posso dizer assim, acredito que também me ame.

DITO (Interrompendo-o, ríspido) – Para você e para essa cambada de jovens com titica na cabeça, tudo parece tão simples. O que você sabe de mim? O que você sabe de si mesmo? Nada. É muito fácil pra você se decretar morto, se abalar, sentir piedade de si mesmo. É fácil, Aurélio. Você tem a mim, para encurtar-lhe os diálogos desnecessários, para você, com os médicos chatos, com os seus psiquiatras enrolados, com as cozinheiras incompetentes, com os financiadores do seu suicídio. Não, filho. Não odeio você. apenas fiz você. tive você. e não sei mesmo se tive, me pareceu que sim. Mas o tempo apagou muito de minha cabeça. E não reconheço você em nada. Sua vivacidade, você a perdeu nas lendas e fantasias que construiu para sobreviver sem sofrimentos. Você morre de medo de um punha, por isso o vê como flores. O sangue que escorre de seu nariz vai à boca, cheirando a horror, mas um horror mínimo, rapidamente sanado. Não, não me torture. Faça o que bem entender. Existe uma mulher que quer vê-lo. Ela diz que te ama. Se você tiver aprendido sobre isso, se você tiver traduzido isso para a realidade, fale com ela. Aceite-a. Ela te quer. Se a quiser, diga-lhe. É só um sim. Desculpe não ter mais nada a te falar. Talvez seja o costume.

Dito tenta sair rapidamente. A cabeça baixa, os olhos prontos para fuzilar, a boca espumando. Mas o chamado de Aurélio o faz parar.

AURÉLIO – Pai! Papai! Obrigado pelas sugestões de suicídio. Prefiro acreditar que os cúmplices possam velejar em cruzeiros por terem conseguido. Mamãe o queria muito, papai. E morreu, com eu. São dores que você vai ter que suportar até o fim da sua vida. E o senhor é parecido com as rochas, tem que esperar pelas chuvas para poder lavar-se com dignidade. Não, não o estou chamando de indigno. É apenas uma frase a mais. (O pai dá-lhe as costas e sai. Entra em cena, firme, resolvida) O que você quer? Sugar mais

um pouquinho? Cegar mais um pouquinho? Cuspir mais uma vez na minha cara? Garanto-lhe que me basta a morte como eu a vejo, finita.

ZÉLIA – Chega de choradeira, menino! Basta! Quer ficar comigo? Fica. Não quer? Se foda! E isso aí. Quer morrer? Morra. Puta que pariu com você. Já estou até sem graça. Ao invés de emagrecer, tenho engordado muito, sabia, bichinho? Gracinha, você. Mas o problema é seu. Me quer assim? Como eu quero? Não? então, não me interessa. Foda-se!

AURÉLIO (Perturbado) – O diabo, as lagartas continuam vivas em mim. Como é possível? Sou obrigado a tê-las em mim? Como estarão os pelos da minha batata? Onde estarão os punhais?

ZÉLIA – Você chega a ser patético. Pelo ridículo, Aurélio. Como se eu fosse dar qualquer chilique troncho ouvindo as tuas bobearas. Vá tomar no cu, Aurélio. Se vim para ouvir isso, tudo bem, já estou indo.

Ela se mexe. Ele se levanta da cadeira e a detém.

AURÉLIO – Pare! Me escute um pouco. Tem lógica. Tudo tem lógica. Eu sou racional, Zélia. Não é farsa. Acredite em mim. Por favor, eu lhe peço.

Aurélio se aproxima dela e a beija, puxando-a para si. Ela se livra dele.

ZÉLIA – Estou esperando. Até hoje, só fui insultada. Não faço mal a você, porra!

AURÉLIO – Não é nada disso, Zélia.

ZÉLIA – E o que é esse texto seu? Um hino ao amor? Um hino de suicídio, cara!

AURÉLIO – É fundamental, Zélia. Você não vê que é necessário negar tudo, para poder entender, querer, não querer, ter, poder.

ZÉLIA – Jogo de palavras imundo, Aurélio! Puta que pariu, deixa de ser ridículo. Otário! Pra quê? Por quem? Isso tudo podia ser evitado, estamos...

AURÉLIO – Você quer que eu corte as minhas duas pernas? Em que altura?

ZÉLIA – Sem apelações, Aurélio. Se você aceita o jogo armado por seu pai, você não pensou nas suas pernas, você pensou muito mais em dar uma nova perda irreparável para ele. É tão pequeno tudo isso. Enfim, não faço o jogo deles, faço no final das contas o seu jogo. Me tire daqui, Aurélio.

AURÉLIO (Tomando-lhe as mãos. Irreverente) – Ó amada minha, colosso de minha massa cefálica, horizonte extremo dos meus horizontes, eu a ti sempre ligado, perturbo-me com os teus desencontros, mas curvo-me ante a tua incoerência. Será que você não entendeu nada ainda? (Muda imediatamente de tom) Até quando vou ter que agüentar você? Se eu me suicido, o problema é meu. Não é da sua conta se eu me tranco aqui em cima e falo sozinho. Não é da sua conta nada que eu faça. Parada aí e olhando para mim como se me censurasse todos os movimentos. Eu não sei quem é você. concordo,

eu me apaixonei. Acontece todos os dias... nessa cidade... nesse país... (Já divagando, dá voltas lentas sobre si mesmo) Mas tudo tem um sentido claro, tudo é preciso. Duvidei realmente se me apunhalarias ou se me darias flores. Parece que foi ontem, a estrada... (Vira-se para Zélia) Se eu te pedisse uma coisa, você faria? (Zélia assente positivamente) Então, saia. Quando eu lhe chamar, você entra, velha e feia, e não haverá cadeiras aqui, só uma estrada. Traga um punhal. Eu, cá, tenho uma faca de cozinha. És feia, me tomas a beleza, torna-te bela e torno-me feio. E então, cravas o punhal em mim. Entendeu?

Zélia assente que sim e sai. Aurélio passeia pelo palco, inquieto, estúpido. Tira a cadeira do palco e sai de cena. Volta com uma faca de cozinha. Demarca alguns pontos no palco. *Black-out* rápido. Na trilha sonora, explode “Norwegian Wood”, dos Beatles, com Milton Nascimento. Todo o palco está iluminado por uma luz verde. Ele anda pelo palco-estrada. Após alguns segundos, entra em cena uma velha / Zélia. Ele para e a encara. Ela também o encara. Ele se assusta, entre fascinado e horrorizado. À medida que ela vai se tornando bela – pode retirar mantos, capuzes – ele amortece, amolecendo os ombros e assumindo a expressão de um velho. Ela retira um punhal, ele impõe a faca de cozinha. Brincam / duelam. Ela crava-lhe o punhal e depois joga-lhe flores em cima. Sai, dançando, alegre, vitoriosa. Ele não se levanta. A música para. Uma sirene de política toca e Gal canta “Aquarela do Brasil”. O pai entra em cena e retira Aurélio do palco. Zélia volta, com um manto inspirado na bandeira brasileira, deita-se sobre as flores e joga-as para o alto. Levanta-se. Vai sair. Para um minuto e volta até as flores, chutando-as agressivamente. E sai.

FIM